

Entre becos e vielas: Jenyffer Nascimento e a (des) construção do feminino

Fernando Reis de Sena¹

RESUMO: O estudo analisa a representação do feminino em Jenyffer Nascimento a partir dos poemas “Antítese” e “Ventre livre”, da antologia *Terra Fértil* (2014). Objetiva revisar os conceitos de desconstrução, de Jacques Derrida (1973) e gênero, de Judith Butler (2008). Percebeu-se que a escrita da poetisa apresenta a função de dessacralização no sentido de deslocar a lógica estruturada pelo masculino ao representar sua coletividade marginalizada.

Palavras-chave: Desconstrução; gênero; Jenyffer Nascimento.

ABSTRACT: The study analyzes the representation of the feminine in Jenyffer Nascimento from the poems "Antítese" and "Ventre livre", of the anthology *Terra Fértil* (2014). It aims to review the concepts of deconstruction, by Jacques Derrida (1973) and gender, by Judith Butler (2008). It was perceived that the poet's writing presents the function of desacralization in the sense of displacing the logic structured by the masculine when representing its marginalized collectivity.

Keywords: Deconstruction; gender; Jenyffer Nascimento.

Primeiras construções

Jenyffer Nascimento é pernambucana, mulher-negra-periférica-pobre, escritora, mãe, educadora, boêmia, raiz, ventania e liberdade. Assim, descreve Carmen Faustino (2014) a autora da antologia *Terra Fértil* (2014). Uma escritora que representa através da arte o grito de gerações, não apenas relacionado às questões de gênero ou étnicas, mas aos laços afetivos, à cidade e à crise das identidades na pós-modernidade, grito que dessacraliza os discursos baseados no pensamento metafísico, deslocando e obliterando a fala dominante.

Este estudo analisa a representação do feminino nos poemas “Antítese” e “Ventre livre” a partir dos conceitos de desconstrução, de Jacques Derrida (1973) e de gênero, de Judith Butler (2008). Partimos do princípio de que a poética de Jenyffer Nascimento está impregnada de marcas do discurso masculino, tencionando sua ressignificação.

¹ Mestrando em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia.
Contato: ffrsena@gmail.com

1. A desconstrução

A corrente teórico-crítica desconstrução, desenvolvida pelo filósofo francês Jacques Derrida (1973), desestabilizou o pensamento metafísico o qual estava sustentado pelas relações de poder do binarismo. Jonathan Culler (1999, p. 122) define a corrente como uma crítica das “oposições hierárquicas que estruturam o pensamento ocidental: dentro/fora; corpo/mente; literal/metafórico; fala/escrita; presença/ausência; natureza/cultura; forma/sentido”. Neste sistema dicotômico, a ordem e a lógica de organização social são estruturadas através de mecanismos que privilegiam os primeiros dos pares, eleitos como elementos dominantes. Na desconstrução, esse sistema se desloca e as relações hierárquicas são questionadas e revistas. Derrida (1997) argumenta que:

Em uma tradicional oposição filosófica, não temos uma pacífica coexistência de termos contrapostos, mas uma violenta hierarquia. Um dos termos domina o outro (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa a posição de comando. Desconstruir a oposição é, acima de tudo, reverter a hierarquia em determinado momento (DERRIDA *apud* CULLER, 1997, p. 99).

Reverter esta oposição significa interagir, intrinsecamente, com a estrutura mantenedora da tradição. De acordo com Culler (1997, p. 100), “o praticante da desconstrução trabalha dentro dos termos do sistema, mas de modo a rompê-lo”. Ou seja, desestabilizar tal hierarquia parte de uma estratégia de se inserir no interior dos discursos, visando à desestruturação dos pares. Deste modo, desconstruir o sistema representa a ruptura do modelo considerado canônico e inquestionável do Ocidente, é mostrar, assinala Culler (1997, p. 100), como o próprio discurso “mina a filosofia que afirma, ou as oposições hierárquicas em que se baseia, identificando, no texto, as operações retóricas, que produzem o fundamento de discurso suposto, o conceito chave ou premissa”. Jonathan Culler (1997, p. 122) assevera:

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes.

Destarte, a teoria derridiana revela as contradições e as incoerências dos pares. Sob esta perspectiva, muitos movimentos sociais emanaram das contribuições de Derrida, como o das feministas da terceira onda. O movimento feminista surgiu no século XIX, com o objetivo de

reivindicar o direito ao voto que às mulheres havia sido negado. Neste primeiro momento, o trabalho de Simone de Beauvoir (1967) foi relevante porque desnaturalizou a concepção de mulher com a frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Para a filósofa, nenhum destino “define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1967, p. 09).

A partir desta tensão, surge a oposição sexo/gênero, sexo definido como biológico e gênero como construção social. O slogan “pessoal é político” marcou a segunda onda do movimento feminista. Aqui, a mulher não buscava apenas o direito ao voto, mas a paridade entre os sexos, leis que assegurassem o trabalho da mulher sem o consentimento do companheiro, além do prazer e do desejo. Na terceira onda, permeia a reestruturação e a discussão das lacunas deixadas pelos movimentos anteriores, como a insistência da segunda onda em ressaltar as diferenças, ainda de base essencialista, entre homens e mulheres, o que contribuiu para a sustentação do pensamento ocidental.

O termo gênero, dessa forma, torna-se uma categoria de análise histórica. Para Joan Scott (2016, p. 07), o verbete é:

Utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.

A crítica pós-feminista se debruça sobre a dicotomia sexo/gênero, questionando o próprio conceito de mulher, dada à necessidade de pensar *o que é ser mulher e como tornar-se mulher?* como sugeriu Beauvoir (1967). Para Butler (2008), essa oposição não se realiza, pois, o sexo não pode ser entendido, exclusivamente como uma construção social, mas também discursiva e cultural.

Na visão de Butler (2008, p. 200), o gênero se realiza na ação discursiva, que não deve ser construído como uma “identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por uma *repetição estilizada de atos*”. Surge, então, a ideia da *performance repetida* – quando “a repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto

de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2008, p. 200). Nas palavras de Butler (2008, p. 201):

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são *performativos*, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* da proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória.

O pensamento da filósofa pós-estruturalista parte da desconstrução derridiana, deslocando as construções empreendidas ao longo dos movimentos feministas. Assim, a dissolução e as contradições da metafísica ocidental sexo/gênero mais a crítica de Derrida (1973) sustentarão o discurso literário da feminista e poetisa Jenyffer Nascimento.

2. A (des) construção do feminino em Jenyffer Nascimento

Terra Fértil é o primeiro livro de Jenyffer Nascimento, organizado pelo Coletivo Mjiba (Jovem Mulher Revolucionária), e reúne 80 poemas, escritos em forma de gritos, rompendo o silêncio da(s) coletividade(s) que representa. A densidade e a acidez impregnadas nos versos da poetisa provocam a cisão entre o discurso do dominador em relação ao dominado. Sua escrita emerge da produção literária contemporânea autodenominada marginal. Embora este adjetivo tenha resultado inúmeras controvérsias sobre seus princípios e aplicabilidade, Ferréz (2006), codinome de Reginaldo Ferreira da Silva e um dos precursores do movimento, afirma que esta manifestação literária é feita pelas minorias raciais ou sócio-econômicas, produção à margem dos núcleos centrais, caracterizada pela linguagem (gírias das periferias) e o lugar de onde emerge a fala. Jenyffer Nascimento está inserida nestas minorias, não por ser simplesmente mulher, mas por ser, ao mesmo tempo, mulher-negra-periférica-pobre.

Ainda sobre a estética da escrita marginal, Heloisa Buarque de Hollanda (2016) afirma que o uso da palavra pela periferia nos apresentou uma visão anatômica do contexto periférico. A escrita representa as lutas ideológicas por igualdade e liberdade, além do rompimento com as construções discursivas baseadas na metafísica. Para Hollanda (2016, p. 01), a força estética

e política caracterizam os escritos de periferia, pois “a palavra poética que encanta mas também o poder que quem detém e manipula com destreza e segurança a prática da palavra cotidiana, da eficácia socio-econômica dos muitos usos da palavra. Nitroglicerina pura”.

Assim é a escrita de Jenyffer Nascimento, nitroglicerina pura. A destreza com que manipula os versos, constrói um discurso panfletário, cujas principais bandeiras são as lutas feministas e étnicas. Pode-se afirmar que o tom da antologia *Terra Fértil* é da desconstrução dos estereótipos e da resignificação de ser mulher, inserindo no discurso masculino, não para destruí-lo, mas reescrevê-lo. Esta constatação é perceptível, principalmente nos poemas, que escolhemos para análise: “Antítese” e “Ventre livre”, embora esta característica esteja presente em outros poemas os quais utilizaremos em diálogo com os elencados para o estudo.

O poema “Antítese” nos chama atenção pelo título, pois lembra, além dos conceitos dicionarizados (AULETE, 2016) – 1. “Oposição entre duas palavras ou ideias”; e 2. “Figura de linguagem que consiste em usar de modo simétrico palavras ou pensamentos de sentido oposto para intensificar-lhes o contraste” - às concepções de Georg W. Friedrich Hegel (1770-1831) sobre a tese, antítese e síntese. Em uma visão simplória, a dialética do filósofo alemão permite perceber mundo como um contínuo processo de mudanças, ocasionadas por termos dicotômicos e contrários pelos quais um terceiro reestrutura ou desestabiliza a ordem. Ou seja, enquanto a tese afirma a ordem / o ser, a antítese contraria / nega a tese e o resultado (nova tese) é a síntese, que supera ambas, criando assim um círculo vicioso de teses.

Nas primeiras estrofes, a poetisa impunha, a partir de um olhar aguçado, as cicatrizes do patriarcado que se prolonga por todo texto.

Pediram **um corpo estrutural**
Eu não tinha.

Quiseram **uma mulher ignorante**
Eu já tinha lido o suficiente pra me proteger.

Sugeriram que não opinasse em **assuntos de homem**
Eu nunca consentir em calar.

Disseram que eu **fosse esposa**
Eu não quis casar.

Discursaram que as **mulheres são frágeis**
Eu não tive tempo de exercitar fragilidades.
(NASCIMENTO, 2014, p. 96, grifo nosso).

O sujeito lírico nos guia para uma reestruturação das mazelas propaladas pelo masculino. O uso dos verbos na terceira pessoa do plural, no passado, sugere os múltiplos discursos que imperam sobre a mulher historicamente: mulher precisa ter um corpo estrutural, ser ignorante, não opinar nos “assuntos” de homem, que são frágeis e seu destino é o casamento. A literatura de Jenyffer Nascimento, neste sentido, desmonta a hegemonia mantida na sociedade patriarcal. Os versos inferiores, que compõem os dísticos, representam a “*dessacralização*, função de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escondidos, de desmistificar” (GLISSANT, 1981 *apud* BERND, 1992, p. 17). A partir desta cisão, a poetisa desconstrói o discurso da tradição literária, predominantemente masculina, de classe média alta e dos grandes centros urbanos, cuja função é a de “*sacralização*, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário ou de sua ideologia” (GLISSANT, 1981 *apud* BERND, 1992, p. 17). Regina Dalcastagnè (2012, p. 17) afirma que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes”.

Segundo Zilá Bernd (1992, p. 76),

O texto literário atua ora como fator de reforço desta hegemonia, corroborando a ideologia “oficial”, ora como tentativa de sabotá-la, de agir corrosivamente sobre ela, constituindo-se como *dissidência* à fala exclusiva do poder. Na maioria dos casos, os discursos que realmente se agenciam como dissidência, ocuparão as sombrias regiões da marginalidade, pois a hegemonia possui uma extraordinária força legitimante impondo as regras da “normalidade”, deixando, portanto, à margem qualquer tentativa de subversão desta *normalidade*.

Normalidade que é dissidente em Jenyffer Nascimento. O feminino presente no “eu” que nega os pré-conceitos dos versos superiores assume a voz de tantas outras mulheres, é uma escrita “para expurgar tudo aquilo que não querem ouvir, que soa leve e implacável aos ouvidos, alertando que o afeto e o acalanto também é um direito nosso e que reflete sobre nosso valor ancestral, beleza e realza herdada, que nunca de nós será tirada” (FAUSTINO, 2014, p. 9-10).

Nas estrofes:

Orientaram que **não frequentasse bares**
Eu não pude negar as esquinas.

Quiseram **controlar meu jeito de vestir e falar**
Eu não vi sentido em deixar de seguir **minhas vontades**.

Apostaram que eu teria um **subemprego**
Eu vislumbrei ir mais distante.

Transaram comigo e depois fingiram não me conhecer
Eu aprendi a ignorar os imbecis

Disseram que eu não amamentasse para o peito não cair
Eu amamentei até cair.
(NASCIMENTO, 2014, p. 96-7, grifo nosso).

Nota-se a singularidade ao tema que se propõe discutir. Nas três primeiras estrofes, o masculino nega o direito à mulher de ocupar espaços considerados públicos, como os bares, além de trazer à tona o uso do corpo feminino como puro prazer, como mercadoria. Temáticas que também são exploradas nos poemas “Carne de mulher” e “O grito”. No primeiro poema, o sujeito lírico assume sua identidade de mulher negra: “Nua em frente ao espelho/ me olho/ me observo/ me vejo/ e me sinto mulher” (NASCIMENTO, 2014, p. 55), apresenta a sua condição de inferioridade na sociedade que a ver apenas como mercadoria: “Nas ruas é bem diferente/ mesmo vestida/ me olham/ me observam/ me veem/ como pedaço de carne” (NASCIMENTO, 2014, p. 55) e recusa esta invisibilidade: “Não! Não aceito! Me recuso! / eu não sou a carne mais barata do mercado. / A carne mais barata do mercado não é a da mulher negra” (NASCIMENTO, 2014, p. 55). Em “O grito” estão expostas as regras de condutas as quais estão explícitas nos versos:

- Não tenha amigos homens.
 - Lugar de mulher é no fogão.
 - Mulher tem que se dar o respeito.
 - Tá parecendo uma puta com essa saia curta.
 - Madrugada não é hora de mãe de família ficar na rua.
 - Nem pense em transar no primeiro encontro.
 - Seu batom vermelho está chamativo demais.
 - Obedeça ao seu marido.
 - Mulher de bar não presta.
 - “*Mulheres vulgares uma noite e nada mais*”
- (NASCIMENTO, 2014, p. 29).

Aqui, o sujeito lírico não consegue segurar o grito libertário entalado na garganta, abafado e dolorido, “um grito de mulher”. Entre “regras demais/ condutas demais/ proibições demais” (NASCIMENTO, 2014, p. 29) emerge um discurso corrosivo, estridente, que deflagra problemas rotineiros acometidos às mulheres, tais como “a encoxada matinal no ônibus/ a cantada barata do chefe cretino/ a passada de mão na escada do metrô/ murros e pontapés do

próprio companheiro/ sem falar nos inúmeros casos de estupro” (NASCIMENTO, 2014, p. 29). Ao mesmo tempo, questiona a função servil do feminino ao masculino, abdicando as falas que antecedem sua voz: “criar os filhos/ cuidar da casa/ e servir meu sexo numa bandeja/ sempre que o outro quiser? ” (NASCIMENTO, 2014, p. 29).

O sujeito lírico também reconhece a condição de invisibilidade das mulheres que não têm a fugacidade e resistência à força dominante, nada fazem para reescrever as metanarrativas que as define durante séculos. Em meio às multidões, são mulheres de olhares opacos, mortas por dentro e que o único sinal de sua existência é a sua subserviência ao masculino e à condição de vagante. No entanto, “há também as mulheres que lutam/ dá para reconhecer pelo olhar firme e aceso/ no vai e vem da marcha cotidiana” (NASCIMENTO, 2014, p. 30). Jenyffer Nascimento desenvolve, assim, um discurso dissonante, uma desconstrução do binarismo, tendo em vista a luta pelo coletivo, como fica explícito nos versos: “Carrego comigo o legado/ de minha mãe, de minha avó/ e de tantas outras que me antecederam. / O grito que carrego também é delas” (NASCIMENTO, 2014, p. 30). O grito entalado se manifesta:

Pelos prazeres que não puderam ter
Pelo corpo feminino que não puderam explorar
Pelo voto e palavras negadas
Pelo potencial não exercido
Pelo choro em lágrimas secas.
Tenho um grito entalado na garganta.
Um grito denso, volumoso
Um grito ardido, de veias saltadas
E hoje ele vai sair.

- O corpo é meu!
(NASCIMENTO, 2014, p. 30).

Os versos retomam às discussões de todas as ondas do movimento feminista e, assim como o poema “Antítese” recompõem e descontrolam os discursos opressores do masculino, que “cagaram mil e uma regras de conduta/ eu toquei o *foda-se*/ e sorri, feliz” (NASCIMENTO, 2014, p. 97).

O poema “Ventre livre” revela a coisificação do corpo feminino. A mulher está sempre associada a adjetivações e classificações mercadológicas, de produtos estampado numa prateleira. E, nesse “grande mercado das relações machistas”, a mulher é negociada enquanto produto de baixo preço, com linguajar próprio: “Vão te negociar como uma buceta. / Vão te

qualificar pelo peito ou bunda. / Não desconsiderar tua inteligência. / Não te vender no atacado e no varejo. / Não querer saber sobre o tal prazo de validade” (NASCIMENTO, 2014, p. 166).

A partir desta coisificação, o sujeito lírico desenvolve uma lista com os rótulos que (des) qualificam as mulheres que não compactuam com o modelo tradicional. Todas as figuras femininas descritas e rotuladas representam a desconstrução da mulher naturalizada para os serviços de casa e, principalmente, a fidelidade ao companheiro, pois os adjetivos elencados estão associados ao sexo, à sexualidade, ao prazer e ao desejo, sempre negados à mulher. Seguem as égides:

Piranha: se tiver vontade própria.
Gostosa: se atender aos padrões.
Vagabunda: se tiver transado com alguns.
Sapatão: se gostar de mulheres.
Maria-macho: se usar roupas largas.
Vulgar: se beber e rir alto.
Piriguete: se usar roupas curtas.
Desbocada: se falar palavrão.
Frígida: se não quiser transar.
Dadeira: se quiser transar.
Fácil: se não gostar de fazer charme.
Desocupada: se gostar da rua.
Estúpida: se tiver opinião própria.
Vadia: para todas as opções anteriores
(NASCIMENTO, 2014, p. 167).

O sujeito lírico vive em estado de sonho, deseja a destruição deste mercado, quer a libertação destes rótulos que há muitos anos (des) qualificam sua existência como evidencia os versos: “É que fico sonhando com o dia/ onde não haverá nem bolsa, nem valores/ rótulo, ignorância ou opressão/ capazes de subjugar a força ancestral/ de um ventre verdadeiramente livre” (NASCIMENTO, 2014, p. 167). Deste modo, podemos afirmar que a lógica destes poemas se organiza a partir da dicotomia afirmar/negar, o que o masculino afirma, o sujeito lírico nega, um confronto da tese da metafísica com a antítese desconcertante da poetisa, que se auto representa em versos.

Algumas considerações

O estudo se propôs a analisar o feminino, na poética de Jenyffer Nascimento, revisando os conceitos da desconstrução, do filósofo francês Jacques Derrida e a crítica à oposição

sexo/gênero, da pós-feminista Judith Butler. Observamos que a poetisa traz nos seus textos as marcas e as cicatrizes da metafísica ocidental homem/mulher e masculino/feminino. Sua poética é panfletária, carregada de metanarrativas, que desconstroem a lógica dominante, são textos que deflagram a coisificação e rotulação do feminino com o objetivo de rompê-las.

Jenyffer Nascimento apresenta um olhar atento à causa feminista, com escrita aguçada, estridente e certa. Seus versos não negam as narrativas, que desprezam o feminino, pelo contrário, adentram, desestabilizam e desconstroem as hierarquias. A dicção das coletividades representadas surge como estratégia de obliterar a fala hegemônica, masculina e das classes privilegiadas. A *Terra Fértil* encena o discurso dos que não aceitam as migalhas de uma sociedade baseada no binarismo. Trata-se de uma voz que reforça a importância de reconhecer e fortalecer suas coletividades, pois “o processo de identidade e aceitação é libertador e necessário para a desconstrução dos estereótipos e a ressignificação da nossa existência” (FAUSTINO, 2014, p. 09). Assim, a tensão discursiva de Jenyffer Nascimento constrói poemas imagéticos que desestabilizam o leitor, tirando-o do lugar comum, revendo as posições do Outro na sociedade e questionando o lugar do feminino na cena literária.

Referências

AULETE, Caldas. *Dicionário online Caldas Aulete*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/antítese>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: experiência vivida*. v. II. 2 ed. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1967.

BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1992. (Síntese universitária, 36).

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

FAUSTINO, Carmen. Mulheres negras, a palavra também nos pertence! In: NASCIMENTO, Jenyffer Silva do. *Terra Fértil*. São Paulo: Ed. do autor. 2014.

FERREIRA, Fernando Guimarães. *A dialética hegeliana: uma tentativa de compreensão*. Rev. Estudos Legislativos, Porto Alegre, ano 7, n. 7, p. 167-184, 2013.

FERRÉZ. *Manifesto de abertura do livro Literatura Marginal*. Disponível em: <<http://editoraliteraturamarginal.blogspot.com.br/2006/12/manifesto-de-abertura-do-livro.html>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *A questão agora é outra*. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-questao-agora-e-outra/>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

NASCIMENTO, Jenyffer Silva do. *Terra Fértil*. São Paulo: Ed. do autor. 2014.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2016.